

O FENÔMENO PALATIZAÇÃO EM LOCALIDADES RURAL E URBANA DA REGIÃO DO PARAGUAÇU – BAHIA

Franciane Rocha - EFS
Norma Lúcia F. de Almeida - UEFS

Introdução

Este trabalho traz a investigação da regra variável de palatização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/, na cidade de Feira de Santana (Bahia), em comparação com os resultados de pesquisa anterior (de mesmo tema) realizada em Matinha, distrito desta mesma cidade e ambas as localidades integrantes da região denominada zona do Paraguaçu. A coleta de dados foi realizada em duas etapas, para Matinha foram entrevistados doze informantes no ano de 2004 e para Feira de Santana foi realizada a captação de dados entre os anos de 2007 e 2008, com doze informantes nativos da cidade de diferentes partes do município. As gravações integram agora o banco de dados de registros fônicos do projeto “A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano” da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), o qual está disponível a todos os interessados, e segue a teoria da Sociolinguística Quantitativa, proposta por Labov (1972). A partir desta teoria, o estudo encara a língua como sistema heterogêneo e dinâmico, passível de variação e mudança lingüísticas e sujeito influência de fatores intra e extralingüísticos. O estudo propõe analisar lingüisticamente a comunidade, sendo assim, estudar a aplicação da regra de palatização na fala feirense, investigar qual a ocorrência nos fonemas /t/ e /d/ e a propensão de um ou outro ao processo, e compará-los aos resultados obtidos na etapa anterior do projeto “A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano”, realizada com falantes do distrito de Matinha, zona rural da cidade agora em questão, onde se constatou tendência maior à assimilação dos segmentos palatizados por falantes do sexo feminino e da faixa etária 1 (15 – 29 anos).

O trabalho conta com mais três itens. No próximo, um breve texto sobre as origens sociolinguísticas e alguns estudos atuais sobre palatização, que apresentam o embasamento teórico específico da pesquisa e outros estudos que observam o mesmo fenômeno em outras localidades de fala. Na seção seguinte, está a análise estatística e lingüística dos dados recolhidos das entrevistas, logo depois, as conclusões sobre as hipóteses levantadas anteriormente e no último item, as referências bibliográficas utilizadas na pesquisa e as notas.

1 - Revisão da Literatura

A lingüística ganhou *status* de ciência a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, que considerava a língua (*langue*) como um sistema de regras homogêneo e regular, dissociando-a assim da fala (*parole*) e privilegiando o caráter estrutural e formal da língua. Tais postulados foram divulgados no ano de 1916, com a publicação póstuma de Curso de Lingüística Geral (originalmente *Cours de Linguistique Générale*), do lingüista já citado. A percepção da relevância da fala para o evento da comunicação e a necessidade de estudo desta, fez acontecer em 1964, na cidade americana de Los Angeles, o congresso da Universidade da Califórnia, onde foi produzida uma coletânea de trabalhos nos quais os estudiosos consideravam a língua falada em seu contexto social de uso. Esta coletânea foi intitulada Sociolinguística (originalmente *Sociolinguistics*), teve entre seus autores William Labov, e orientou os estudos desta vertente da Lingüística desde aí. Sobre isto Menezes (2007) acrescenta:

Outros estudiosos como F. Boas (1911), Edward Sapir (1921) e Ben Jamin L. Whof (1941), assim como, Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson, que valorizavam a relação interdisciplinar entre linguagem, cultura e sociedade, também contribuíram para a formação da Sociolinguística, tal qual como a conhecemos atualmente.
(MENEZES, 2007, p. 8)

Também chamada de Teoria da Variação, a Sociolinguística vê na língua uma estrutura heterogênea em constante mutação. Isto é concluível, já que a língua é estudada em contexto de uso, e paralelamente à cultura e à sociedade com as quais interage. Ou seja, a linguagem é então social, sendo adquirida e utilizada em sociedade e comum a todos os indivíduos da comunidade. E como seus usuários, a língua não poderia deixar de ser diversa, visto que os mesmos têm na fala, numerosas possibilidades de uso que não implicam em prejuízo à comunicação.

William Labov, já antes citado, propõe os primeiros estudos da Sociolinguística Variacionista, levando em conta também fatores extralingüísticos, referentes ao contexto social de produção da fala, como a idade e o sexo dos informantes, a classe social, o nível de escolaridade e a tradição étnica destes.

Todos estes fatores extralingüísticos influenciam na variação que a língua sofre nos diferentes espaços de comunicação e através da história. A língua também é um diferencial de identidade, e mesmo sendo um único idioma, nem sempre é produzida da mesma maneira. É o que podemos observar no Brasil, um país com vasta extensão territorial, altos índices de desigualdade social, e variantes lingüísticas diversas, que elegeu uma destas muitas variantes para ditar a norma padrão da língua, neste caso o falar da região sudeste, prioritariamente a variante carioca. Esta escolha, segundo Santos (2007), explica-se pelo fato de o Rio de Janeiro ter sido sede da colônia brasileira durante muito tempo, e também por alguns outros indicadores de prestígio social.

Perseguindo dados que comprovem o prestígio do Rio de Janeiro, podemos argumentar, ainda, que, além de ter sido Corte, o Rio apresenta a menor taxa de analfabetismo entre as 12 maiores capitais do país. É aqui também que se constata um expressivo número de pessoas com nível superior. No tocante aos aspectos social e econômico, a Cidade Maravilhosa reúne bairros com alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), destacando-se a Lagoa, cujo IDH, é semelhante ao da Itália. (SANTOS, 2007, p. 03)

A variante carioca de fala tem como uma das marcas mais audíveis, a palatização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal /i/, esta é uma regra variável para outras localidades do país, que Cristóforo (2001) considera como “regular e produtiva” e afirma esperar que todas as palavras que tenham a seqüência sonora dental [ti, di], mudem em um espaço de tempo não muito longo para a produção africada palatal [tʃi, dʒi]. Fonologicamente explicando, “a palatização é um fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal” (DUBOIS, 2004, p. 448), que resulta na produção de segmentos como [tʃia] ≠ [tia] (como na produção dos falantes pernambucanos), [dʒife'retʃi] ≠ [dife'reti] ou [atʃi'radu] ≠ [ati'radu].

São muitos os estudos que apontam para a categorização de algumas hipóteses referentes à palatização. Um exemplo é a maior ocorrência de palatização do fonema /t/ frente ao fonema /d/, constatada por Almeida (2004) na fala das cidades baianas de Salvador e Rio Real, por Santos (1997) na capital alagoana, entre outras.

Num outro estudo realizado no Rio Grande do Sul, Pires (2007), conclui que a palatização de /t/ e /d/ é uma regra em expansão na comunidade de São Borja, e que esta sofre influências tanto lingüísticas quanto extralingüísticas. Aproximando a fala desta comunidade à de outras cidades de que receberam influência de imigrantes de origem italiana no estado.

2- Análise dos Dados

2.1 – Metodologia

Para este estudo foi utilizado *corpus* composto de doze entrevistas com informantes nascidos no município de Feira de Santana, residentes em diversas partes da cidade. As gravações foram realizadas por duas entrevistadoras membros do projeto¹, respeitando a metodologia de coleta de dados propostas por Tarallo (1999), a partir da proposta de Labov (1972). O *corpus* conta com fala de seis informantes do sexo masculino e seis do sexo feminino, distribuídos em três faixas etárias da seguinte maneira: Faixa 1, 15 a 29 anos de idade; Faixa 2, 30 a 45 anos e faixa 3, de 46 a 60 anos de

idade, sendo todos, provenientes de classes sociais baixas e que tiveram pouco ou nenhum contato com o ambiente escolar. Contudo com o mesmo rigor metodológico a coleta procedeu anteriormente em Matinha, conduzida por outros integrantes do projeto, no ano de 2004.

Destas amostras feirenses foram retirados 704 dados, que depois de devidamente codificados foram submetidos ao pacote de programas Goldvarb, de onde foram geradas as tabelas numéricas que possibilitaram a análise quantitativa dos dados. O programa selecionou como relevantes as variáveis: segmento anterior, tipo de fonema, sexo e faixa etária, as quais estão explicadas mais à frente neste texto.

2.2 - Caracterização das Comunidades.

A cidade de Feira de Santana está situada a 107 km da capital baiana, é o segundo maior município em extensão e quantidade de habitantes do estado e tem crescido consideravelmente principalmente nas duas últimas décadas. De acordo com as pesquisas de estimativa de população realizadas no ano de 2007 pelo IBGE, a cidade já conta de mais de 571.000 habitantes, e é o 31º município brasileiro de um ranking de densidade demográfica donde estão os 5.560 do país.

Além da importância de Feira no panorama demográfico brasileiro, a cidade é ainda um importante entreposto comercial, já que por ela perpassa o maior entroncamento rodoviário da Bahia como mostra a figura 1. As BRs 101, 116 e 324, entre outras, se encontram, ligando a capital Salvador ao Sul e Centro-Oeste do país. A “Princesa do Sertão”, como a chamou Ruy Barbosa, é passagem inevitável para muitas e importantes rotas comerciais que ligam o estado da Bahia a outros estados da região Nordeste e também a outras regiões do Brasil. Sobre isso Freitas afirma:

A sua posição geográfica, entre o litoral e o interior, influenciou nas condições econômicas. Constituiu-se desde o início de sua formação em um entroncamento, passagem obrigatória para quem circula para o nordeste ou para o sul do país. (FREITAS, 1998, p. 65).



Figura 1 – mapa entroncamento rodoviário. Fonte: <http://www.maps.google.com.br>

Esta condição atual teve origem no início do século XVIII, na pequena fazenda “Santana dos Olhos D’água” pertencente então a Dona Ana Brandão e ao Senhor Domingos Barbosa. Por causa das lagoas que se formavam com as chuvas na fazenda e da capela construída em louvor a Santa Ana e São Domingos pelos proprietários da terra, a localidade servia de pouso para os viajantes que por ali

passavam. O desenvolvimento do comércio na área deu origem a uma feira de gado que fez a localidade progredir. Apareceram ruas e lojas, e a vila passou a Cidade Comercial da Feira de Santana no ano de 1873.

Este intenso trânsito de comerciantes, que muitas vezes voltavam e se instalavam com suas famílias na cidade, deu a Feira de Santana um atributo de riqueza lingüística muito particular. A cidade desde sua formação recebeu e continua a receber influências lingüísticas de várias regiões do país, já que o caráter essencialmente comercial só foi solidificado através dos anos e hoje figura entre as cinco maiores praças comerciais do Brasil em volume de negócios. Desde o salto industrial principiado na década dos 70, o município assistiu a um estrondoso crescimento populacional, segundo Freitas, “Feira teve um crescimento urbano significativo principalmente após a implantação do CIS – Centro Industrial do Subaé em 1970, já que a sua população duplicou em apenas duas décadas” (FREITAS, 1998, p. 15). Outros adventos ainda contribuíram para o *boom* demográfico feirense, como o intenso êxodo rural, também produzido pelo processo de industrialização, e a implantação da Universidade Estadual, que a causa do seu respaldo no cenário nacional, a cada semestre traz estudantes vindos de quase todo o território nacional.

Sobre Matinha e o trabalho lingüístico dessa comunidade, Rocha expõe:

“Formada a partir de escravos negros fugidos de um engenho de açúcar da Fazenda do Candéal, Matinha dos Pretos é uma comunidade rural de auto-subsistência situada a 14 quilômetros da cidade baiana de Feira de Santana. Sua população eminentemente negra e agrária, tem no cultivo de produtos típicos do Semi-Árido, sua principal fonte de renda.

O *corpus* dessa comunidade constitui-se de gravação de dez informantes, obtidas com o mesmo rigor metodológico e modelo de entrevistas descrito no item 3.2[...] (*modelo Tarallo, 1999*) de ambos os sexos distribuídos em três faixas etárias, sendo três informantes da faixa A (de 18 a 38 anos), quatro da faixa B (de 39 a 58 anos) e três da faixa C (a partir dos 59 anos). Os corpora utilizados nesta pesquisa já se encontravam gravados por integrantes do projeto “A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano” e estão disponíveis para estudo pelas áreas afins na área de Lingüística do departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana”.

(ROCHA, 2007, grifo nosso).

2.3 – Análise Comparativa dos Dados

2.3.1 – Variáveis Internas

Este item refere-se às variáveis lingüísticas, que de acordo com Dutra (2007), “São fatores internos ao sistema que, em contextos lingüísticos específicos, favorecem mais ou menos a realização de uma ou mais variantes”.

2.3.1.1 – Segmento Anterior

O estudo desta primeira variável consiste na observação do contexto precedente ao aparecimento dos segmentos [tʃi, dʒi] nos dados recolhidos. Neste trabalho, observou-se como relevantes a ocorrência de cinco fatores em posição anterior: as vogais, os ditongos crescentes e decrescentes, as consoantes e o ambiente vazio, chamado na tabela de início de palavra.

Os mesmos foram também observados na comunidade de Matinha, onde o ditongo decrescente foi o ambiente que mais propiciou a aplicação da regra de palatização de acordo com Rocha (2007). Com a comparação dos resultados nas comunidades, pretende-se conhecer quais segmentos possivelmente influenciarão no processo em andamento na comunidade rural, já que esta segue muito próxima da fala dos feirenses que residem na sede do município.

SEG. ANTERIOR	<i>Palatizadas</i>	<i>Ocorrência</i>
D. Decrescente	88%	08
In. Palavra	51%	371
D. Crescente	86%	14
Vogal	58%	113
Consoante	66%	198

Tabela 1 – Segmento anterior

Como é possível inferir a partir da quantificação acima, os ditongos decrescentes e crescentes respectivamente, apesar de figurarem pouco na amostra, representam o maior percentual de segmentos palatizados, seguidos das consoantes, vogais e contexto livre, estes últimos, já mais expressivos em número de ocorrências.

2.3.1.2 – Fonema

Como já foi colocado, muito dos estudos sobre a palatização no português brasileiro, levantaram e confirmaram a hipótese de que o fonema /t/ seja mais sensível ao processo aqui estudado em comparação com o fonema /d/ como, por exemplo, Almeida (2000). Inclusive na última produção, Rocha (2007) constatou que na Comunidade de Matinha, zona rural de Feira de Santana, a produção palatal de /t/ se configurou em 34% das ocorrências, enquanto em /d/, somente em 10% das mesmas.

Esta possibilidade se confirma também na fala feirense com um expressivo índice percentual, como mostra a tabela abaixo:

FONEMA	<i>Palatizadas</i>	<i>Ñ-palatizadas</i>	<i>Ocorrência</i>
/t/	73%/	27%	270
/d/	47%	53%	434
Média	60%	40%	704

Tabela 2- Ocorrência dos fonemas.

Se considerarmos ainda o cruzamento das duas variáveis lingüísticas, encontraremos mais visivelmente a superioridade da aplicação da regra de palatização no fonema /t/.

SEG. ANT. PALATIZADO	Fonema /t/	Fonema /d/
In. Palavra	70%	47%
Vogal	80%	44%
Consoante	70%	53%
Dit. Decrescente	100%	60%

Tabela 3 – Segmento Anterior Palatizado

2.3.2 – Variáveis Externas

De acordo com os modelos da Sociolingüística Variacionista, devemos considerar o contexto social de fala, já que a língua é adquirida e produzida em sociedade. Justifica-se então a consideração das variáveis extralingüísticas, externas ao sistema que podem influenciar na aplicação da regra.

2.3.2.1 – Sexo

Como em outras comunidades já estudadas por todo o país, em Feira de Santana os informantes do sexo feminino tendem a adotar com mais facilidade as produções palatais dos dois fonemas. Historicamente as mulheres têm buscado afirmação social, e sendo a língua um importante diferencial entre as classes de poder, tanto econômico quanto intelectual é mais do que esperado que a variante prestigiada seja mais recorrente na fala feminina, como ilustra a tabela:

SEXO	Palatizadas	Ñ-palatizadas	Ocorrências
Feminino	60%	40%	426
Masculino	53%	47%	278

Tabela 4- Sexo.

Porém se considerarmos este fator na fala dos moradores da Matinha perceberemos uma diferença um pouco maior com relação às falantes do sexo feminino em Feira de Santana (ver tabela 5). Isso pode ser explicado pelo fato de que a cidade oferece aparentemente melhores condições de trabalho e de inclusão social do que a área rural e assim, suas falantes dispõem de maior contato e interesse no uso da variante culta da língua.

SEXO	Palatizadas	Ñ-Palatizadas	Ocorrência
Feminino	25%	75%	379
Masculino	22%	78%	357

Tabela 5- Sexo, Matinha.

2.3.2.2 – Faixa Etária

Dutra (2007) diz que “nos estudos sociolinguísticos, o grupo de fatores Faixa Etária é significativo para apontar a tendência de variação ou mudança linguística dos fenômenos variáveis”.

Na fala de Feira de Santana, o resultado encontrado é semelhante ao de Matinha. A Faixa etária 1, correspondente aos mais jovens, utiliza a palatização em 73% das ocorrências, quase o dobro da porcentagem encontrada para a Faixa 3, os mais idosos. Na outra comunidade, apesar de a ocorrência da palatização ter sido menor em termos percentuais, A Faixa 1 palatiza três vezes mais do que a Faixa 3.

Outro dado interessante é que os informantes feirenses da Faixa 2 apresentaram uma taxa relevante de uso da variante palatal. Estas constatações legitimadas pelo resultado da pesquisa na área rural do município, nos autoriza a afirmar, que os falantes mais jovens são mais receptivos à variação discutida e que são estes que conduzirão a possível mudança.

FAIXA ETÁRIA	Palatizadas	Ocorrência
1	73%	172
2	67%	311
3	37 %	221

Tabela 6 - Faixa Etária

Conclusões

A partir da pesquisa da aplicação da regra variável da palatização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ na sede do município de Feira de Santana, pode-se considerar as afirmações que estão apresentadas a seguir.

Baseado nos resultados da análise das variáveis linguísticas é possível perceber que a maior tendência do fonema /t/ à assimilação do segmento palatal, comparado ao fonema /d/, se confirma na fala feirense, como em outras comunidades pesquisadas e aqui já citadas. Ainda sobre as variáveis linguísticas, confirma-se em Feira, o resultado encontrado no vernáculo de Matinha, com maior

número de ocorrências da palatização em vocábulos cujo contexto anterior ao segmento estudado foi o ditongo decrescente.

Quanto às variáveis sociais, é concluível que os falantes do sexo feminino e das faixas etárias mais baixas, particularmente os mais jovens, estão conduzindo o processo de palatização na comunidade, situação semelhante à da zona rural encontrada nos dados retirados das entrevistas realizadas em Matinha.

Em termos gerais, os resultados apontam para uma regra variável em processo de expansão já bastante aplicada no vernáculo feirense. Talvez uma mudança em curso que necessita ser confirmada em estudos posteriores com informantes de outras camadas sociais e outros níveis de escolarização, alcançando assim maior abrangência social que respalde estas proposições.

Referências

- ALMEIDA, Laura Camila Braz de. **As realizações de /t/ e /d/ seguidos de /i/ em Salvador e em Rio Real**. In: Grupo de estudos lingüísticos do Nordeste, 2000, Fortaleza. XVIII JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 2000.
- CRISTÓFARO, Thais. **Difusão Lexical: Estudo de Casos do Português Brasileiro**. In: O Novo Milênio: interfaces lingüísticas e literárias. Belo Horizonte, pp. 209-218. 2001
- DUTRA, Eduardo Oliveira. **A Palatização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Brasil.
- FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização em Feira de Santana: influencia da industrialização 1970 – 1996**. Salvador, 1998.
- LABOV, William. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983. (Tradução de José Miguel Marinas Herreras)
- MENEZES, Maria Cecília. **Varição Lingüística: análise de uma comunidade de São Sebastião DF**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Letras) - Universidade Católica de Brasília. Orientador: Rosineide Magalhães de Sousa.
- PIRES, Lisiane Buchholz. **A palatalização das oclusivas dentais em São Borja**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – *ReVEL*. Edição especial n. 1, 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- ROCHA, Franciane. **A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano: A palatização de /t/ e /d/ diante de /i/ em Matinha e Casinhas**. In: X Semic –UEFS, Feira de Santana, 2007.
- SANTOS, Lúcia de F. **Palatalização na Fala de Maceió**. Estudos Lingüísticos e Literários, Salvador 1997.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 6ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1999.
- MAPAS, Feira de Santana, 2008. Disponível em: <http://www.maps.google.com.br>. Acesso em 06 jun. 2008

NOTAS

¹ Esta pesquisa contou com seis entrevistas gravadas pela pesquisadora Janivam Assunção, também bolsista FAPESB-BA do projeto “A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano” e graduanda pela UEFS.